

## PALAVRA E CRUZ

Apparício Silva Rillo

Escolho por chamar-te Nazareno  
para falar contigo frente a frente.  
Aliás, como sempre faço, quando cruzas  
nos dezembros de sóis à porta do meu rancho  
e antes do Ó de casa! eu te convido:  
-Apeia!

Há em ti um quê de amargas mágoas  
-caraguatás de banhado a te arranharem.  
E sei, embora bruto,  
bicho do campo que sou, travestido de  
homem,  
de que raiz brota a tristeza que pressinto  
no azul-lagoa de teus olhos mansos.

É que passas cada dia a minha vista,  
a pouca braças dos portais do rancho  
frenteando a estrada que te leva e traz.  
E apenas uma vez em cada ano  
-no dia de Natal -  
eu te convido para um mate breve  
cevado pela mão da companheira.

E falamos tão pouco, Nazareno,  
mais por silêncios do que por palavras!  
E nelas, nas escassas que te brotam  
no coração para os lábios, como um sopro,  
me conta que vem mermando teu rebanho  
-ano após ano -  
e cada vez menos amigos te convidam  
na voz fraterna do Apeie! Passe adiante!

E dizes que ao contrário de outros tempos  
-longínquos como a Estrela que te guia -  
a tua marca de campeiro pobre  
-a mais simples das marcas, uma Cruz -  
quando surge do íntimo dos homens  
é para luzir em metal sobre seus peitos,  
símbolos de vaidade e não de fé.  
Volta-me a cuia e tua voz me volta:

"Esses que a usam sobre suas vésstias  
não a levam pela Cruz, mas pelo adorno.  
São eles meus cordeiros desgarrados  
do rebanho que foi grande em outras eras,  
apascentando em largas sesmarias  
de aguadas frescas e trevais em flor,

-hoje um potreiro de guachos desmamados  
que ainda creem no caminho que assinalo  
com meu cajado de irmão e de pastor."

Um mate para o estribo.  
Tua mão leve me abençoa.  
Teu sorriso de triste e tu na estrada  
ao tranco viajeiro de um burrinho  
no rumo encandescido do poente.

Cada vez mais pequeno o Nazareno.  
De longe, o seu aceno:  
o pala branco, a asa de um adeus.

Minha cruz de couro-cru sob a camisa  
dói-me na pele,  
me constrange o tordo.  
Arranco-a do peito, num tirão.  
-Cordeiro desgarrado não tem marca!

Meu grito é como um chumbo de garrucha.

Alto,  
o azul-escuro rompe-se a seu eco  
e dos flecos do poente a estrela Vésper  
desce do céu e pousa-me na mão.